

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO 1º GRAU AÇÃO DO EDUCADOR

OLGA REVERBEL
Faculdade de Educação da UFRGS

RESUMO

Em face ao interesse dos professores de Educação Artística em atingir os objetivos expressos pela Lei 5692/71, são feitas algumas considerações sobre a atual situação de ensino de Artes na Escola do 1º Grau, apresentando a título de sugestão, quatro aspectos básicos que merecem a atenção neste momento de busca de equilíbrio entre o que preconiza a Lei e a ação do educador na sala de aula: 1) necessidade de integração de três áreas-Teatro, Música e Artes Plásticas; 2) importância das atividades de expressão para o desenvolvimento do aluno; 3) relação entre a atividade de expressão e o jogo infantil; 4) identificação entre o nascer da Arte no gênero humano e no indivíduo.

O ensino em nossas escolas é, tradicionalmente, voltado para os aspectos cognitivos. Embora a maioria das obras pedagógicas mencione os aspectos afetivos e psicomotores e ressalte sua importância no desenvolvimento da personalidade do educando, há uma acentuada distância entre as teorias e a prática nas salas de aula.

No ensino de Expressão Dramática em escolas de diferentes níveis, observa-se, em cada novo grupo de alunos, um grande bloqueio em relação à espontaneidade corporal e verbal. As capacidades de comunicação e expressão, inatas no ser humano, revelam-se lentamente. A criança expressa seus sentimentos e sensações, através das linguagens verbal e gestual, somente após um longo tempo de prática de jogos de expressão dramática, musical e plástica. Nota-se que alunos de alto nível intelectual, capazes de dominar, admiravelmente, os conhecimentos adquiridos, apresentam grandes dificuldades em comunicar tais conhecimentos por um simples gesto ou espontâneo discurso.

A partir da experiência, pode-se afirmar que as atividades de expressão são recursos excelentes para auxiliar ao aluno em crescimento, não somente do ponto de vista afetivo e psicomotor como também do cognitivo. Tais atividades são criadas e organizadas em função de um objetivo básico: "desenvolver a auto-expressão do aluno".

Para que o aluno se auto-expressé é fundamental que o professor de Educação Artística lhe ofereça oportunidades de atuação espontânea num clima de liberdade. Desta forma, as atividades de expressão poderão concorrer para que o aluno libere sua personalidade pela espontaneidade e forme-a pela cultura.

As atividades de expressão que se pode também denominar "jogos de expressão", deverão desenvolver-se, progressivamente, da infância à adolescência.

O professor de Educação Artística tem de contar com um vasto repertório de atividades de expressão, criadas em função dos interesses e necessidades dos alunos em suas respectivas faixas etárias. A elaboração do planejamento de atividades deverá, evidentemente, considerar o papel fundamental do jogo na vida da criança.

"Para a criança", escreve Clarapède (1946) o jogo é o trabalho, é o bem, é o dever, é o ideal da vida, é a única atmosfera na qual seu ser psicológico pode respirar e, conseqüentemente, pode agir."

Em sua obra *A Criança e o Jogo* (1967), Jean Chateau afirma: "Não se pode imaginar a criança sem seus risos e seus jogos. Supondo que, subitamente, nossas crianças cessassem de jogar, que os pátios de nossas escolas se tornassem silenciosos, que nós não fôssemos mais atraídos pelos gritos ou choros que vêm do jardim ou do pátio, não teríamos mais, perto de nós, esse mundo infantil que faz nossa alegria e nosso tormento, mas um povo triste de pigmeus desajeitados e silenciosos, sem inteligência e sem alma. Pigmeus que poderiam crescer, mas que guardariam por toda a sua existência a mentalidade dos pigmeus, dos seres primitivos. É pelo jogo que se tornam grandes a alma e a inteligência. A criança que não joga é um "pequeno-velho", é um adulto que não saberá pensar".

A infância é pois o tempo da aprendizagem para a idade adulta. Não se pode estudar a infância, considerando somente o crescimento e o desenvolvimento das funções, sem prever um largo espaço povoado pelo jogo. Abandonar o jogo seria negligenciar o impulso irresistível pela qual a criança esculpe a sua própria imagem. Não se pode afirmar apenas que "a criança cresce", mas também que a "criança se faz crescer" pelo jogo. Pelo jogo, a criança dinamiza as capacidades que decorrem de sua estrutura particular, realiza os potenciais virtuais que afloram, sucessivamente, à superfície de seu ser; ela os assimila e desenvolve-os; une-os e complica-os, em suma, coordena seu ser e lhe dá vigor.

Para desenvolver atividades de expressão, numa sala de aula, com o grupo de alunos, é necessário que professor possua uma formação artística na qual se acentue uma assimilação completa da pedagogia da Expressão e um estudo prático e suficiente de certos instrumentos-base, tais como a voz, a fala, o gesto, o som, o ritmo, a forma e a documentação.

Na escola, não se pretende formar um "artista", mas um ser espontâneo, vivo e dinâmico capaz de expressar seus pensamentos, sentimentos e sensações, valendo-se para isso, das linguagens verbal e gestual. Trata-se de formar um ser social capaz de descobrir-se, descobrir o outro e o mundo que o rodeia, para que, pouco a pouco, vá construindo sua própria escala de valores e desenvolvendo seu senso estético.

Aspira-se para o aluno um duplo equilíbrio: indivíduo-sociedade; espontaneidade-técnica. Para que tal aconteça, é necessária uma metodologia voltada mais para um estado de espírito do que, propriamente, para uma técnica, pois embora esta seja muito útil para a atuação do aluno, não deverá limitar nunca a sua livre criação.

A Lei nº 5692/71, ao colocar a Educação Artística como estudo obrigatório nos Currículos Plenos da Escola do 1º Grau, despertou rumorosa polêmica entre os professores especializados em Música, Artes Plásticas e Teatro. Desde a data em que a disciplina inscreveu-se no currículo com uma escassa carga horária e que os professores se lançaram na tentativa de desenvolver atividades, integrando música-artes plásticas-teatro, a inquietação foi geral. Os diversos encontros realizados pelos professores de artes acentuaram, ainda mais, as diferentes licenciaturas, pois estes especialistas, cada um em seu campo específico, sentiram-se despreparados para lecionar nos outros campos. Os professores licenciados em teatro pouco numerosos, e, tendo ainda de enfrentar a tradicional posição contra o teatro como algo perigoso para a formação da criança e do adolescente, sentiram-se ao mesmo tempo, gratificados pelo tardio reconhecimento do valor educativo da Arte Dramática e amedrontados com a perspectiva de virem a lecionar também Música e Artes Plásticas.

Na tentativa de busca de equilíbrio na formação docente, visando a melhoria do ensino, a Faculdade de Educação acrescentou ao seu currículo duas novas disciplinas: Iniciação ao Ensino de Educação Artística e Prática de Ensino em Educação Artística, e o Instituto de Artes, a disciplina Atividades Integradas; todas essas novas disciplinas, com a duração de um a dois semestres, foram confiadas a professores especializados. Na Faculdade de Educação, a equipe formada por professores de Música, Artes Plásticas e Teatro constatou a dolorosa separação do grande grupo de alunos aflitos e tímidos quando cada professor procurava despertar-lhes o interesse e iniciá-los naquela disciplina a qual, devido às suas formações específicas, não se sentiam em condições de assimilar num tão breve espaço de tempo, resultando então uma participação sem a menor espon-

taneidade e uma divisão em sub-grupos isolados. Tal situação levou os professores a um ensino teórico, o que não satisfaz de forma alguma o ensino das três artes que, por suas naturezas e estruturas, demandam atividades práticas e um seguro domínio de técnicas.

Embora a Lei nº 5692/71 represente um grande desafio para os professores de arte, não deixa, no entanto, de possuir aspectos, altamente, positivos que, naturalmente, exigem novos métodos de ensino.

Ao pensar em novos métodos de ensino, deve-se, antes de tudo, considerar que a escola não visa a transformar seus alunos em artistas ou em virtuosos capazes de darem um concerto, participarem como atores de uma peça ou criarem um quadro ou uma escultura consagrados pela crítica. Nada disso; esse não é, nem nunca foi o objetivo do ensino de Educação Artística, mas, sim, o de formar a personalidade do aluno, de promover seu crescimento afetivo, intelectual e psicomotor, preparando-o para uma vida útil à sociedade. Não se afasta, é claro, a idéia de despertar vocações que os levarão, mais tarde, adultos, a procurar uma formação específica nas Escolas de Arte.

O ensino de Educação Artística, na Escola de 1º Grau, deverá oferecer ao aluno uma série gradual de atividades de expressão que correspondam às suas necessidades essenciais de crescimento, contribuindo, assim, para ampliar sua visão de mundo, através de procedimentos que estimulem a expressar-se usando seus próprios instrumentos vitais: o corpo e a mente.

Para que os objetivos do ensino de Educação Artística sejam atingidos plenamente, aconselha-se com base em diversas experiências realizadas na França, na Inglaterra e no Brasil, a aplicação de atividades globais de expressão artística, nas quais se integram alguns elementos da natureza e estrutura do Teatro, das Artes Plásticas e da Música, zelando, o professor, para que nenhum destes elementos venha a sobrepujar o outro; a estratégia deverá oferecer ao aluno a oportunidade de recorrer, espontaneamente, às linguagens dramática, musical e plástica, necessárias à sua auto-expressão.

A metodologia que norteia as atividades de expressão é, pois, global, ativa e voluntária, desenvolvendo-se num clima de liberdade ampla que permita ao aluno valer-se das técnicas das diferentes linguagens quando estas corresponderem aos seus reais interesses e às suas capacidades naturais de expressão. O método é progressivo; as atividades de expressão, são de início endereçadas às crianças de 6 a 11 anos, ampliando-se, gradualmente, aos adolescentes de 12 a 15 anos.

O repertório de atividades de expressão, indispensável à bagagem do professor de Educação Artística, baseia-se em novos conceitos norteadores, os quais, embora oriundos dos conceitos formais das três Artes que os inspiram, diferem destes porque estão voltados para o alcance de objetivos educacionais;

não se visa, como já foi destacado, anteriormente, à formação de um artista, mas à construção da personalidade da criança e do adolescente no espaço escolar.

Não se abandona, de forma alguma, a condição estética da Música, do Teatro e das Artes Plásticas, mas acredita-se que estas artes poderão ser utilizadas pelo professor de modo consciente e responsável como valioso meio de educação.

Quando se pensa a Arte na escola, o pensamento volta-se para o nascer da arte, o que significa considerar os primeiros movimentos humanos no sentido de comunicar e expressar sentimentos e sensações, num tempo remoto quando a estética ainda não havia demarcado fronteiras entre a arte e os mitos num tempo em que a arte era magia.

“Os procedimentos humanos feitos de gestos, gritos, cantos, danças, desenhos, máscaras, esculturas, efeitos multicores, encantações ao som do tambor sonoridades com frutas secas, ou simplesmente por meio de corpos chocando-se uns contra os outros, por meio de arrebatamentos, de transe, de possessões, nada tinham a ver com a *Arte*, tinham a ver com o *Homem*” (Barrault, 1959).

Esse tempo que poderia chamar de *tempo de nascer* é, profundamente, semelhante ao tempo em que vive o aluno no espaço-sala de aula, realizando suas primeiras atividades de expressão. Tudo lhe parece novo nessa atmosfera de descobertas: o corpo, a voz, o gesto, o grito, as sonoridades, as formas e as cores. Aos poucos, povoa-se o espaço: plantam-se ilhas aqui, montanhas ali; navegantes, guerreiros, fantasmas e mais um sem número de personagens reais ou fictícias surgem ou desaparecem em cada nova situação criada.

É nesse tempo de imitação e re-criação que a criança descobre os seus dois mundos — o interior e o exterior; é do encontro destes dois mundos que nasce a expressão.

Para que a expressão do aluno se revele não bastam ao professor de Educação Artística somente o conhecimento e a técnica, impõe-se a presença constante da sensibilidade e do entusiasmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARRAULT, Jean Louis. *Nouvelles reflexions sur le théâtre*. Paris, Flammarion. 1959.
2. CHATEAU, Jean. *L'enfant et le jeu*. Paris, Scarabée, 1967.
3. CLAPARÈDE, Édouard. *Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimentale*. Paris, Delachaux et Niestlé, 1946.
4. REVERBEL, Olga. *Teatro na sala de aula*. 2 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.

ABSTRACT

Due of the interest of Arts Education teachers in reaching the objectives expressed in the law 5692/71, this article refers to the present situation of the teaching of Arts in Elementary Schools, presenting, as suggestion, four basic aspects that deserve attention at this moment of search for balance between what the law says and the action of the educator in the classroom: 1) Need of integration in the three areas: Theater, Music and Plastic Arts; 2) Importance of expressive activities for the development of the student; 3) Relation between expressive activities and dramatic games; 4) Identification between the origin of Arts in Humankind and the human being.

(Recebido para publicação em 15.01.81)